



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –
CCHSTL
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIANA RIBEIRO MORAIS

**RAÍZES DESSE CHÃO: O VOCABULÁRIO DAS PLANTAS MEDICINAIS,
VENENOSAS E DE PROTEÇÃO COMO FRUTO DA EXPERIÊNCIA FEMININA
EM BURITICUPU-MA**

Açailândia-MA
2023





Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –
CCHSTL
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIANA RIBEIRO MORAIS

**RAÍZES DESSE CHÃO: O VOCABULÁRIO DAS PLANTAS MEDICINAIS,
VENENOSAS E DE PROTEÇÃO COMO FRUTO DA EXPERIÊNCIA FEMININA
EM BURITICUPU-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), *Campus* Açailândia como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Gabriela Guimarães Jeronimo

Açailândia-MA
2023



M828r

Morais, Mariana Ribeiro

Raízes desse chão: o vocabulário das plantas medicinais, venenosas e de proteção como fruto da experiência feminina em Buriticupu-MA / Mariana Ribeiro Moraes. – Açailândia: UEMASUL, 2023.

26 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Português) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Açailândia, MA, 2023.

Orientadora: Prof. Dra. Gabriela Guimarães Jeronimo

1. Plantas medicinais. 2. Memória e identidade. 3. Saberes ancestrais. I. Título.

CDU 81'373:304(812.1)



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –
CCHSTL
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

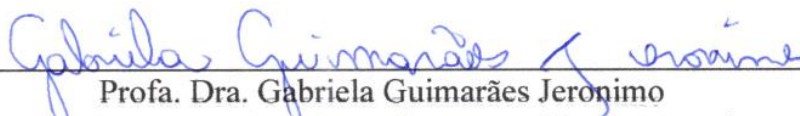
Mariana Ribeiro Morais

**RAÍZES DESSE CHÃO: O VOCABULÁRIO DAS PLANTAS MEDICINAIS, VENENOSAS E DE
PROTEÇÃO COMO FRUTO DA EXPERIÊNCIA FEMININA EM BURITICUPU-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), *Campus* Açailândia como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 21/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Gabriela Guimarães Jerônimo
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente



JOZIMAR LUCIOVANIO BERNARDO
Data: 04/07/2023 10:29:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jozimar Luciovanio Bernardo
Universidade Estadual Paulista

Documento assinado digitalmente



LAIZA RODRIGUES OLIVEIRA
Data: 04/07/2023 11:32:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Laiza Rodrigues Oliveira
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão





AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família. Sobretudo a minha mãe, Sei que, sem sua presença constante, apoio incondicional e encorajamento inspirador, eu não teria chegado tão longe. Lembro-me vividamente dos momentos em que me senti sobrecarregada pelo trabalho acadêmico, quando a pressão e as dúvidas me fizeram questionar se deveria continuar. No entanto, a senhora estava sempre lá para me lembrar do meu potencial, do meu amor pelo aprendizado e do motivo pelo qual escolhi ser professora, assim como você.

Agradeço ao meu grande amor, Werb, que além do seu inestimável apoio emocional, tem sido um ouvinte atento, alguém em quem posso confiar e compartilhar meus medos, ansiedades e conquistas. Suas palavras de incentivo e encorajamento sempre me motivaram a acreditar em mim mesma e continuar seguindo em frente, mesmo quando eu duvidei das minhas próprias capacidades. Eu também gostaria de destacar sua generosidade. Sua dedicação em cuidar de mim e garantir que eu tivesse as condições adequadas para concluir a graduação é algo que eu valorizo imensamente.

À minha orientadora, Gabriela Guimarães Jeronimo. Você não apenas foi uma mentora acadêmica incrível, mas também se mostrou uma verdadeira amiga, disposta a me apoiar em todas as áreas da minha vida. Sua presença significou muito mais do que as palavras podem expressar. Sua experiência e orientação foram fundamentais para o meu crescimento e desenvolvimento como pesquisadora. Você não apenas me ajudou a alcançar o sucesso acadêmico, mas também me incentivou a crescer como pessoa. Você investe tempo e energia em mim, acredita em meu potencial e me inspira a buscar o melhor de mim.

Aos meus amigos queridos da graduação, dedico também a minha gratidão. Amanda, Juliane e Uran, foi um privilégio caminhar com vocês ao longo dessa emocionante jornada de superação. Amanda, sua alegria contagiante e positividade foram um bálsamo para minha alma. Você trouxe luz para os dias mais sombrios e sempre encontrou uma maneira de me fazer sorrir, mesmo quando eu estava estressada ou sobrecarregada. Uran, você é um amigo leal e confiável. Sua inteligência e dedicação aos estudos foram uma fonte constante de inspiração para mim. Obrigada por me ouvir e apoiar sempre. Sua presença em minha vida foi um verdadeiro presente. Juliane, você sempre se mostrou uma pessoa autônoma, sem medo de expressar suas opiniões e compartilhar seus pensamentos. Essa qualidade em você é admirável e me inspirou a ser mais aberta e verdadeira comigo mesma e com os outros.

Por fim, Dedico este trabalho às mulheres trabalhadoras de Buriticupu, que com muita determinação, força e garra, conquistaram para si um pedacinho desse chão.





RESUMO

Este artigo advém dos desdobramentos do projeto de iniciação científica *Saberes da Terra: Léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil* e parte para análises dos nomes de plantas medicinais, de proteção e venenosas presentes no *corpus* constituído por registros audiovisuais de entrevistas, no ano de 2023, feitas durante pesquisa de campo do mencionado projeto. Ao todo, foram realizadas nove (9) entrevistas. No entanto, no referido trabalho, nos ateremos às narrativas de Buriticupu-MA, que totalizam quatro (4) mulheres cujos conhecimentos vão ao encontro do nosso objeto de pesquisa. Diante do exposto, essa pesquisa que aqui propomos se dará através da Lexicologia em interação com outras áreas do conhecimento, sobretudo a Antropologia, Agroecologia e a História. Portanto, o trabalho aqui proposto enfatiza a importância da lexicologia para compreender a língua e a cultura de uma comunidade, principalmente quando se trata de comunidades tradicionais. Desse modo, buscamos ampliar as informações acerca da cidade de Buriticupu-MA e destacar as histórias e perspectivas das mulheres entrevistadas no que se refere ao campo da medicina popular e os saberes voltados à fauna e à flora da região.

Palavras-chave: plantas medicinais; memória e identidade; saberes ancestrais.





ABSTRACT

This article stems from the developments of the scientific initiation project *Saberes da Terra: Lexicologia e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil* and departs from the analysis of the names of medicinal, protective and poisonous plants present in the corpus constituted by audiovisual records of interviews, in the year 2023, made during field research of the mentioned project. In all, nine (9) interviews were conducted. However, in that work, we will stick to the narratives of Buriticupu-MA, which total of four (4) women whose knowledge meets our research object. Given the above, the research that we propose here will take place through Lexicology in interaction with other areas of knowledge, especially Anthropology, Agroecology, and History. Therefore, the work proposed here emphasizes the importance of Lexicology to understand the language and culture of a community, especially when it comes to traditional communities. In this way, we seek to expand the information about the city of Buriticupu-MA and highlight the stories and perspectives of the women interviewed concerning the field of folk medicine and knowledge related to the fauna and flora of the region.

Keywords: medicinal plants; memory and identity; ancestral knowledge.





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 OS SABERES ANCESTRAIS DAS MULHERES BURITICUPUENSES NO CONTEXTO LEXICOLÓGICO	10
2 OS CAMINHOS PARA BURITICUPU.....	14
3 A LINGUAGEM DAS PLANTAS	16
3.1 Plantas Medicinais	17
3.2 Plantas Venenosas	20
3.3 Plantas de Proteção	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25





INTRODUÇÃO

As discussões aqui apresentadas partem do projeto de pesquisa (PIBIC/UEMASUL) intitulado *Saberes da Terra: léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil*¹, e tem como principal objeto de investigação o campo lexical relativo às plantas medicinais, venenosas e de proteção presentes nas narrativas de mulheres que ocuparam e residem até hoje na região que atualmente corresponde à cidade de Buriticupu, no oeste maranhense, entre o período que compreende o início de 1970 a meados de 1990.

Partindo disso, nosso principal objetivo se concentra em realizar estudo de natureza léxico-cultural relativo às plantas de medicinais, venenosas e de proteção presentes no cotidiano de mulheres de Buriticupu-MA, especialmente aquelas que participaram ativamente da história do município entre as décadas de 1970 a 1990 e residem na região até os dias de hoje. Além disso, oferecer condições de escuta para que a história da cidade de Buriticupu-MA seja contada a partir das memórias e experiências de vida dessas mulheres, bem como entender a relação entre léxico e cultura por meio das narrativas femininas buriticupuenses, sobretudo no que diz respeito à natureza e os saberes locais produzidos por elas a partir do cultivo e/ou uso de diferentes plantas medicinais e ainda, construir um *corpus* que aponte as principais nomeações utilizadas por mulheres do referido município que se relacionam com os saberes da/sobre a terra.

O projeto de colonização do município em questão surgiu sob influência direta do Governo Estadual do Maranhão em 1973, cuja promessa era assentar em terras devolutas os homens que desenvolviam trabalhos rurais e haviam sido excluídos do processo produtivo brasileiro², bem como alojar suas famílias (era obrigatório ter esposa e filhos) em moradias seguras. No entanto, ao chegarem na região, foram direcionados a trabalhar nos latifúndios em regime análogo à escravidão.

Tratando da história de Buriticupu, é fundamental destacar a contribuição feminina para o progresso da cidade, principalmente, ao observarmos que poucos documentos

¹ A pesquisa está em seu segundo ano de vigência, tendo iniciado em nov. 2021 através do Edital n° 10/2021 – PROPGI/UEMASUL, e posteriormente renovada para mais um ano através do Edital n° 04/2022 – CP/PROPGI/UEMASUL.

² Na época, houve a chamada “Revolução verde”, movimento que visava ampliar a produção agrícola e impulsionar o agronegócio por meio da introdução de máquinas agrícolas e fertilizantes químicos. Isso exigia um alto investimento financeiro e acabou dificultando o acesso desses trabalhadores a grandes empresas e proprietários rurais, fato que acabou contribuindo para o favorecimento dos grandes produtores em detrimento dos pequenos agricultores. Além disso, durante o período de ditadura militar vigente na época, houve uma enorme concentração de terras nas mãos de grandes empresas e latifundiários.



históricos ou pesquisas científicas trazem suas perspectivas e histórias para o centro das discussões. Nesse sentido, essas que também são protagonistas diante da formação e construção da cidade sofreram e ainda sofrem uma política de apagamento, em que os documentos oficiais concentram o foco em uma história única, marcada pela superioridade masculina. Tal fato não ocorre de forma involuntária, mas sim pensando numa perspectiva de poder, uma vez que a maneira pela qual as histórias são contadas, assim como às vezes em que esses discursos se repetem, estão relacionadas à posição social que o interlocutor ocupa (ADICHIE, 2019).

Tendo o pensamento centrado na superioridade masculina como aquele que orienta toda a sociedade capitalista, a grande maioria das atividades coloniais envolve os homens como atores principais. As mulheres, diante de uma sociedade que eleva e romantiza o trabalho braçal predatório, são apagadas da história e esquecidas pelas políticas públicas e pelos modelos científicos tradicionais. A maior parte das bibliografias encontradas sobre Buriticupu não trazem uma perspectiva feminina sequer. Portanto, a solução para barrar o silenciamento dessas protagonistas é que possam fazer-se ouvir por meio da criação de oportunidades de escuta, ocupar os espaços de produção de conhecimento e de políticas públicas.

De acordo com o censo de 2010, os homens representam a grande maioria da população buriticupuense em números. No entanto, esse fato era ainda mais visível e presente em meados das décadas de 1970 a 1990, período no qual Buriticupu passava por suas primeiras grandes mudanças em termos de ocupação. Esses números podem ser explicados pela forte migração masculina na época dos Projetos de Colonização Maranhense, que estimulavam a vinda de “pais de família” para a região. No entanto, além disso, segundo Wolff (2011), em muitos relatos históricos a respeito da formação pré-amazônica e amazônica, as mulheres da terra – que abrangem em sua maioria as pobres, pretas, ribeirinhas e indígenas – não eram contabilizadas nos dados numéricos por não serem consideradas importantes, ou mesmo parte da população. Dessa forma, esse apagamento foi gigantesco e se perpetua hodiernamente, uma vez que pouquíssimos trabalhos acadêmicos as citam e os documentos oficiais trazem raras menções a estas que certamente também foram fundamentais para a construção histórica do município.

Nesse sentido, a escolha por mulheres vai ao encontro das experiências de vida, trabalho e de luta de sujeitas historicamente silenciadas, destacando ainda a força e o poder presente nas “raízes” que essas protagonistas estabeleceram em solo buriticupuense. Ou seja, incide não só nos planos que poderiam ter acontecido, mas também em tudo que há de



concreto na vida daquelas que resistiram e lutaram contra as imposições capitalistas vigentes na época. Abordar raízes é lançar luz também nos conhecimentos ancestrais que cada uma dessas mulheres trouxe consigo e nas diferentes formas de usar a terra em benefício medicinal, ainda mais em uma época em que a saúde era precária na região, que até meados da década de 1990, ainda não era município, sendo um pequeno assentamento.

Portanto, o trabalho aqui proposto busca descentralizar o conhecimento, uma vez que os saberes que sustentam a pesquisa evidenciaram uma visão crítica e séria das mulheres que se colocaram em oposição à necropolítica (MBEMBE, 2018). Isso demonstra que mesmo em grandes projetos como esse, “não há controles absolutos” (GOMES, 2004). Assim, a valorização dessas mulheres através das condições de escuta para ouvir e registrar as histórias que remontam aos eventos pessoais e coletivos, à subjetividade, à imaginação e às expectativas delas evidenciam todo o seu protagonismo e contribuirão não só com o alargamento do conhecimento sobre o processo de colonização dessa região, mas também no compartilhamento dos saberes que constroem a identidade dos cidadãos e cidadãs buriticupuenses, reforçando os seus laços de pertencimento.

Diante do exposto, essa pesquisa se deu através da Lexicologia em interface com outras áreas do conhecimento, sobretudo a Antropologia, onde buscamos em Geertz (1997; 2008; 2009) compreender as relações que envolvem a análise da prática simbólica no fato antropológico, bem como os conceitos de saberes locais³ e realidade cultural⁴.

Além disso, estabelecemos diálogo com a Agroecologia, no sentido de trazer reflexões acerca do uso de plantas, raízes e frutos utilizados na medicina tradicional, bem como registrar as principais ocorrências de nomeação da fauna e flora da região de Buriticupu-MA. Pensando nisso, tomaremos como base os estudos de Primavesi (2016), Brito (2000), Pulga (2018) e Krenak (2020).

1. OS SABERES ANCESTRAIS DAS MULHERES BURITICUPUENSES NO CONTEXTO LEXICOLÓGICO

As mulheres em particular desempenham um papel fundamental na transmissão e conservação do conhecimento tradicional de suas comunidades. Elas são responsáveis por ensinar a linguagem, medicina, práticas agrícolas, a culinária, entre outras coisas. Por isso, é fundamental que a Lexicologia leve em conta esses conhecimentos e valorize a linguagem e a

³ Geertz (2009)

⁴ Geertz (2008)



cultura dessas comunidades, pois as palavras apresentam particularidades que estão relacionadas a fatores históricos e geográficos, assim como sua realização fonética e morfológica e ainda seu uso social, cultural, político e institucional (HENRIQUES, 2011, p. 13).

Língua e cultura são indissociáveis. Por essa razão, a forma de comunicação de uma comunidade é um retrato cultural muito forte. Cada palavra escolhida está relacionada às nuances culturais e simbólicas contidas nas designações utilizadas pelas mulheres para essas plantas específicas. Em resumo, um estudo de natureza lexicológica revela uma compreensão mais profunda e complexa de determinada língua com a comunidade que a produz, fornecendo dados sócio-históricos, culturais, políticos, ideológicos etc., uma vez que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística que tem uma história” (BIDERMAN, 1999, p.83). Ao registrar esses saberes, é possível desvendar os significados culturais subjacentes a essas lexias e compreender como as mulheres camponesas estabelecem uma relação íntima e profunda com a natureza e as plantas ao seu redor. Essa abordagem permite valorizar e preservar os conhecimentos tradicionais, dando visibilidade à história e à ancestralidade presentes nas práticas de cura passadas de geração em geração.

O Brasil é referência mundial em relação ao seu potencial farmacológico. Além disso, a utilização dos recursos naturais pela humanidade é registrada desde a pré-história e mesmo diante dos avanços tecnológicos e da crescente evolução farmacêutica ao pensarmos em um país cuja desigualdade é tão alarmante, ver as plantas medicinais como alternativas de sobrevivência e manutenção da vida é algo que ainda se faz presente em nosso dia a dia. Isso, ao mesmo tempo em que revela a desigualdade quanto ao acesso ao sistema de Saúde Básica, também levanta discussões acerca do uso desses saberes em diferentes situações, como por exemplo, sob indicação de médicos.

Para a organização Mundial de Saúde (OM), é caracterizado como planta medicinal "todo e qualquer vegetal que possui, em um ou mais órgãos, substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semissintéticos" (OMS, 2002, p. 67). Sendo assim, o estudo das plantas medicinais pode envolver todas as partes dela, sejam as sementes, flores, frutos, caule, raízes ou folhas. Tal fato vai ao encontro da descrição fornecida pelas entrevistadas, que muitas vezes aproveitam várias partes de uma mesma planta para diferentes fins:



Tem otro remédio também qui eu gostava de fazê, qui essi é muito bom mesmo, só qui puraqui agora a genti não anda mais veno. É uma plantinha qui si chama muçambê. A... a flozinha dela é branquinha. As... as palminha dela, as folhinha enrachadinha. Aí a genti... ela tem espinha na madêra, as flozinha dela é branca e tem uns fiapim. A genti com essa flozinha, a genti faz o chá, qui eli é muito bom pra tosse, o chá dela. I a raiz, você... você bota di molho i você bebi ela. Faz é curá! Quando minha mãe era viva, ela cansô de contá qui via genti esfraquecida antigamenti si curar só cum a água da raiz da muçambê. (PINHEIRO, 2023, depoimento [mai. 2023].)

Quer para fins medicinais ou de proteção, todas as entrevistadas possuem em seus quintais espaços de fácil acesso para cultivar suas plantas. Ao serem questionadas sobre a origem de seus conhecimentos, era unânime que a resposta fosse voltada para a história de outras mulheres (mãe e avó principalmente). Isso coloca em evidência o papel feminino na propagação dos saberes tradicionais uma vez que “a mãe é vista como sujeito suposto saber, uma vez que lhe atribui um saber quase que onisciente” (GONZALEZ, 2020).

No contexto da medicina popular, as mulheres desempenham um papel fundamental como guardiãs desses saberes. Em muitas sociedades, devido ao machismo estrutural, são elas que cuidam da saúde da família e da comunidade, por isso são as principais transmissoras dos conhecimentos relacionados à cura. Elas podem ser parteiras, curandeiras, benzedeiras, raizeiras, garrafeiras, rezadeiras, dentre outras. Infelizmente, essas práticas tradicionais, muitas vezes, são desvalorizadas ou até mesmo roubadas, sobretudo pela indústria farmacêutica que, segundo Brito (2012, p.01), representa um “fenômeno pelo qual a vida cotidiana é apropriada pela medicina, interferindo na construção de conceitos, costumes e comportamentos sociais”.

Essas empresas geralmente exploram os saberes tradicionais para criar produtos e medicamentos sem referenciar, ou seja, sem creditar a fonte devidamente. Além disso, muitas vezes esses produtos são vendidos a preços exorbitantes, tornando-os inacessíveis para as próprias comunidades onde se encontram as autoras que produziram os conhecimentos que serviram de base para formulação desses produtos, isto é, trata-se de um *epistemicídio* institucionalizado. A perspectiva de análise na Lexicologia relaciona-se diretamente com os conhecimentos dessas mulheres, pois, ao tratarmos de saberes ancestrais, estamos falando de valores que constantemente são invisibilizados através das relações de colonialismo. Desse modo, esses saberes vão ao encontro de suas histórias particulares e são atravessados também pelo lugar em que vivem, demonstrando, através das diferentes lexias, de que forma a língua se adaptou e resistiu diante das intervenções, elucidando, inclusive, as diversas violências e apropriações cometidas por parte da indústria farmacêutica e da medicina institucional, por exemplo.



O *epistemicídio* refere-se à destruição sistemática e à marginalização dos saberes de determinados grupos sociais, resultando na perda de suas formas de conhecimento e na imposição de uma visão hegemônica e dominante. Mulheres historicamente têm enfrentado essa marginalização e silenciamento, especialmente no que diz respeito à medicina tradicional. No que se refere a essa política de dominação, Kilomba (2015) faz uma série de questionamentos sobre os sujeitos que ocupam lugar de fala e principalmente quais assuntos têm “permissão” para serem abordados em nossa sociedade e de que forma podemos resistir a essa forma de violência. Por isso, reconhecer o léxico e os saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais, venenosas e de proteção nos usos linguísticos dessas mulheres e valorizar sua contribuição no campo da saúde e da medicina, é um passo importante para combater o *epistemicídio* e promover a inclusão, a diversidade epistêmica e linguística.

2. OS CAMINHOS PARA BURITICUPU

Este trabalho é de natureza léxico-cultural e a pesquisa de campo de caráter quali-quantitativo, por se tratar de um trabalho envolvendo pessoas, através do projeto de iniciação científica *Saberes da Terra: Léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão – Brasil*, essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão – CESC/UEMA no dia 11 de abril de 2022, com o objetivo de cumprir o disposto na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, tendo recebido resultado de aprovação em 07 de maio de 2022⁵.

Os dados foram coletados entre os meses de fevereiro a maio de 2023. Nesse período, ocorreram alguns atrasos em decorrência do período de chuva e do difícil acesso às estradas vicinais que precisavam ser percorridas para chegar à casa de algumas das entrevistadas. Ao todo, entrevistamos um total de quatro (4) mulheres cujas idades variam entre 65 e 76 anos, a saber: Maria Zilda da Conceição⁶, Maria da Conceição Farias dos Santos⁷, Margarida de Araujo⁸ e Severina Silva Pinheiro⁹.

⁵ Parecer nº 5.394.270

⁶ Entrevista realizada em 20/02/2023 na Vila São Francisco, conhecida popularmente como Assentamento Acampamento, localizado a 7km da sede Buriticupu.

⁷ Entrevista realizada em 30/04/2023 em Buriticupu, na casa da entrevistada.

⁸ Entrevista realizada em 03/05/2023 em Buriticupu, na casa da entrevistada

⁹ Entrevista realizada em 14/05/2023 na Vila São Francisco, conhecida popularmente como Assentamento Acampamento, localizado a 7km da sede Buriticupu.



No que diz respeito à pesquisa de campo, os instrumentos para coleta da materialidade léxico-cultural, foram: gravação em áudio, vídeo e registros fotográficos e cumpriram papel importante para o registro das transformações, permanências e ressignificações presentes na história da cidade, além de facilitarem o processo de transcrição e análise dos resultados. Nesse sentido, recorreremos a Geertz (1997; 2008), com o objetivo de estreitar nossa relação com as entrevistadas.

As entrevistas aconteceram de maneira individual, no local de escolha da participante. Nesse processo, utilizamos um roteiro como forma de nortear e facilitar essa etapa, caso o assunto fugisse do foco ou mesmo para que nenhuma temática fosse esquecida ou deixasse de ser abordada. Durante esse momento, as entrevistadas partilhavam conosco suas histórias e seus conhecimentos sobre as plantas. Ao término das gravações orais, nós visitamos os quintais. Nesse momento, as mulheres apontavam as plantas e indicavam seus respectivos nomes, para quais doenças eram indicadas e outras informações complementares. Tudo foi registrado por nós através de vídeos e fotografias.

Posterior à pesquisa de campo, demos início às transcrições gráficas das entrevistas. Nesse sentido, seguimos as teorias propostas por Bardin (1994) que consiste em fazer uma pré-análise, investigar o material recolhido e finalmente, processar e interpretar os resultados obtidos para a sistematização da análise linguística, neste caso, as definições dadas pelas entrevistadas acerca das principais plantas medicinais, venenosas e de proteção. Isso foi possível através das descrições de cor, tamanho, formato, cheiro, sabor, modo de preparo etc. Para auxiliar nessa etapa, foi utilizada a plataforma digital *Transkriptor*¹⁰, que realiza a transcrição a partir de uma gravação de áudio. Desse modo, posterior a isso, foi necessário fazer as devidas revisões e adaptações, uma vez que o método de coleta de dados utilizado neste trabalho é a transcrição gráfica.

Por fim, foram selecionadas as unidades lexicais a serem analisadas a partir de critérios quali-quantitativos. As análises foram feitas durante os meses de abril e maio de 2023. Com o objetivo de encontrar a etimologia das palavras analisadas, bem como suas principais características e formas de uso, realizamos pesquisas em materiais de botânica como Aranda (2020) e Carvalho (2014). Também foram utilizados diferentes dicionários a saber: Aulete (2011), Bechara (2011), Borda (2011), Houaiss (2011) e Nascentes (1966). Desse modo, é importante ressaltar que o presente trabalho está longe de responder a todos os

¹⁰ <https://app.transkriptor.com/files>



questionamentos feitos anteriormente, mas deixa margem para orientar outras pesquisas, seja na área de Lexicologia, História de Buriticupu, Agroecologia e Botânica.

3. A LINGUAGEM DAS PLANTAS

A maior parte das entrevistadas possui pouco acesso ao ensino formal, sendo que suas idades variam entre 65 e 76 anos. Isso evidencia que os conhecimentos que envolvem os saberes ancestrais, geralmente, são de domínio dos mais velhos. Dentre as entrevistadas, uma é enfermeira aposentada e atualmente trabalha como garrafeira, três são camponesas também aposentadas, sendo que uma exerce ainda hoje a profissão de benzedeira. É importante lembrar que todas são colonas de Buriticupu, chegando aqui entre as décadas de 1970 a meados de 1990, salientando-se que elas fizeram parte de um grupo de mulheres que enfrentaram muitas adversidades numa época em que os recursos eram escassos na região¹¹. Desse modo, vale lembrar que:

Os sujeitos das populações tradicionais têm uma relação próxima com a natureza, onde ocorre uma constante transmissão de conhecimentos que passam de geração em geração perpetuando os valores, crenças, hábitos alimentares e modos de vida específicos do grupo (SILVA, 2012, p. 03).

Em um primeiro momento, analisando o *corpus* constituído por quatro (04) entrevistas registradas em áudio e vídeo, encontramos o total de sessenta e quatro (64) nomes de plantas, sendo cinquenta e sete (57) medicinais, seis (6) venenosas e quatro (4) de proteção, sendo que algumas se repetem em mais de um campo. Importante destacar que nessa etapa fizemos um levantamento integral de todas as plantas citadas, as quais foram organizadas em um quadro¹² da seguinte maneira: **unidade lexical** (nome da planta coletada no *corpus* a partir da ortografia vigente); **entrevistada(s)** (qual/quais entrevistada(s) cita(m) determinada planta¹³); **variação** (refere-se às variações linguísticas encontradas no *corpus* sendo FF. – Variação

¹¹ Para conhecer mais sobre as entrevistadas, acesse o link:

https://www.canva.com/design/DAFkbvU4Jas/JLHgifcHGyzM6tGW6UEiFg/view?utm_content=DAFkbvU4Jas&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink

¹² Para conhecer, acesse o link: https://www.canva.com/design/DAFkW61LZTg/mia1pJ-e2ViPFme2l-_aHw/view?utm_content=DAFkW61LZTg&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink

¹³ Esse dado aparece em formato de citação conforme a NBR 6023/2002 no que diz respeito a citações de áudios gravados em entrevistas orais.



Fonética-fonológica e L. – Variação Lexical); **frequência** (quantas vezes a lexia aparece no *corpus*).

A partir disso, fizemos um recorte quantitativo, sendo selecionadas para a análise as unidades lexicais com maior frequência no *corpus* e, posteriormente, uma com menor aparição, levando em consideração o total de duas plantas para cada categoria (medicinais, venenosas e de proteção), totalizando seis (6) análises. Em caso de plantas com mesma frequência, foi adotado como critério de seleção aquela que tinha descrição mais minuciosa. Já em relação àquelas que apresentam mais de uma função, tomamos como base a recorrência de um mesmo uso na fala das entrevistadas. Por meio desse recorte foram selecionadas as plantas medicinais *boldo* e *coité*, venenosas *comigo-ninguém-pode* e *alamanda* e de proteção *pião roxo* e *pimenta-malagueta*.

3.1. Plantas Mediciniais

QUADRO 1 – *Monimiaceae*¹⁴

UNIDADE LEXICAL	VARIAÇÃO	FREQUÊNCIA
<i>Boldo</i> (ARAÚJO, 2023), (CONCEIÇÃO, 2023), (SANTOS, 2023), (PINHEIRO, 2023).	L. – Boldo-do-Chile L. – Boldo-baiano	18

Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 1 – Boldo-do-Chile



Fonte: Autoras

Figura 2 – Boldo-baiano



Fonte: Autoras

Na medicina tradicional o *boldo* é popularmente utilizado para denominar toda uma família de plantas cujo nome científico é *Monimiaceae*. Suas propriedades medicinais estão relacionadas ao funcionamento digestório e funções hepáticas. Ao pedir que as entrevistadas descrevessem a aparência física da planta, todas recorreram à descrição de formato “abaloado” e textura macia ou “peludinha”. A presença do *boldo* em todos os quintais foi recorrente e geralmente ocupava um espaço considerável, uma vez que ele se espalha rapidamente e atinge um tamanho de médio porte.

¹⁴ Aqui adotamos o nome científico da família inteira, uma vez que encontramos mais de uma espécie no *corpus*.



Aqui é aquele boldo que chama o boldo baiano, essi boldo baiano aqui eli é diferenti. O chá dissu aqui mia fia é um santu remédio pra azia e eu tratei meu filho mair novo só cum chá desse boldo baiano (SANTOS, 2023).

Essi daqui é u oto boldo, esse dá-se o nome boldo do Chile e aquela lá é boldo baiano. Aqui a folha dele é muito boa pó fígado. Pode vê qui eli tem a foinha diferenti, assim mais macia e abaloada (SANTOS, 2023).

O boldo tem um pezão lá nu fundu, aí u pezim menó eu botei no pé da porta porque fica já pertu pra eu pegá pra fazê chá di noiti. Podi vê qui eli tem assim uma foia grossa, bem boinha de pegá (CONCEIÇÃO, 2023).

O boldo é daqui oh, da foia grandona. Eli tem a foia maió e oia como cresce muito. É bom pra quem senti muito poblema na barriga. Dor, queimação, assim... (ARAÚJO, 2023).

É uma foinha bem peludiã, assim maciazã, o pé deli tem qui ta aparano porque cresce bastanti. O chá é bom demais pra poblema nu istômago. Não é bom di gustu, mais de sê bom pru corpu é (PINHEIRO, 2023).

Durante a pesquisa, todas utilizaram a palavra *boldo* para designar as diferentes espécies da planta sem distinção, com exceção de dona Conceição (SANTOS, 2023) cuja profissão é garrafeira¹⁵. Ao contrário das outras entrevistadas, foi utilizada uma lexia complexa¹⁶ (Biderman, 1999) com o intuito de caracterizar a planta, uma vez que, segundo ela, cada espécie possui propriedades medicinais diferentes, sendo que em seu quintal ela possuía o *boldo do chile* e o *boldo baiano*. Segundo Nascentes, (1966), a palavra boldo vem da língua mapuche, que corresponde a um povo indígena da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina. Especificamente, essa etnia nomeia a espécie *peumus boldus* justamente dessa forma, fato que explicaria a diferenciação encontrada.

Ao consultarmos dicionários, foi possível observar algumas características relacionadas a sabor, cheiro, formato e textura da planta, sendo a definição mais completa localizada no Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011), onde, além de trazer o conceito de boldo e as demais descrições citadas acima, ainda estabelece as principais diferenças entre o *peumus boldus* (boldo do Chile) e o *plectranthus barbatus* (boldo baiano):

1 Árvore Árvore da fam. das monimiáceas (*Peumus boldus*), originária do Chile, cujas folhas têm propriedades digestivas e hepatoprotetoras; **BOLDO-DO-CHILE** **2** Erva da fam. das labiadas (*Plectranthus barbatus*), nativa da Índia e cultivada em todo o Brasil por suas propriedades medicinais, similares às do boldo nativo do Chile; **BOLDO-DO-BRASIL** [F.: Do araucano *boldu*.] (AULETE, 2011, p. 230)

¹⁵ Mulher que trabalha preparando remédios caseiros sob encomenda.

¹⁶ Corresponde a uma sequência fixa composta por mais de uma palavra, mas com apenas um sentido. Ex: mãos de fada.



QUADRO 2 – *Crescentia cujete*

UNIDADE LEXICAL	VARIAÇÃO	FREQUÊNCIA
<i>Coité</i> (SANTOS, 2023)	L. – Cabaceira F.F. – Cuité	1

Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 3 – Coité



Fonte: Autoras

Figura 4 – Coité



Fonte: Autoras

Originalmente, segundo o Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2011, p. 299), a lexia¹⁷ *coité* advém do Tupi e significa cuia, um recipiente de formato côncavo e que geralmente serve para colocar comida. Esse processo de nomeação ocorre uma vez que a árvore acaba gerando um fruto de casca bem dura e arredondada que serve principalmente para confecção de panelas e artesanato. Nesse sentido, é importante destacarmos a participação dos povos indígenas nos processos de nomeação do português brasileiro, sobretudo da fauna e flora, bem como na maneira como essas comunidades propagaram os conhecimentos a respeito das plantas medicinais ao longo de séculos. Para Braga (2011), tais conhecimentos são difundidos ao longo do tempo principalmente por meio da experimentação de Pajés que passam esses ensinamentos adiante e principalmente por mulheres originárias, que muitas vezes acabam recorrendo aos benefícios aprendidos na hora de tratar doenças na família.

Ao questionarmos a entrevistada sobre os benefícios da planta, ela relatou que, através do chá das folhas ou mesmo o consumo da fruta em sopas, é possível tratar diarreias, doenças relacionadas ao estômago e fígado, bem como a hipertensão.

O coité a genti usa pra fazê chá. Na verdadi, usa tanto a foia quantu a cabaça pra fazê remédio. A foia a genti faz u chá que serve prum monti di coisa, quem diarréia, problema de istômago, i a cabaça também, só qui ela a genti bota na sopa com verdura i faz aquelai caldo bem forti (SANTOS, 2023).

¹⁷ Unidade funcional significativa do Léxico



3.3. Plantas Venenosas

QUADRO 5 – *Dieffenbachia picta*

UNIDADE LEXICAL	VARIAÇÃO	FREQUÊNCIA
<i>Comigo - ninguém - pode</i> (SANTOS, 2023), (ARAÚJO, 2023), (PINHEIRO, 2023)		8

Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 9 – Comigo-ninguém-pode



Fonte: Autoras

Figura 10 – Comigo-ninguém-pode



Fonte: Autoras

Apesar de também se tratar de uma planta de proteção, a *comigo-ninguém-pode* foi citada principalmente como planta venenosa, sendo a mais recorrente no *corpus* dentro dessa categoria. Ao adentrarmos esse campo, ela foi a primeira escolha dentre todas as entrevistadas. Apesar disso, somente duas delas possuíam a planta em casa.

Tem aquela comigo-ninguém-pode, uma da foinha rajada. Aquilo diz qui é muito venenosa. Minina, se criança cumê uma foia daquela... (SANTOS, 2023)

A venenosa? Aquela prantinha oh, comigo-ninguém-pode. Tem veis qui eu arranco e botu nu ouvido (**pendura na orelha como ornamento**). Nigueim podi cumigo. (CONCEIÇÃO, 2023).

Di venenosa eu teinho um monti no quintal qui é comigo-ninguém-pode. Ninguém podi, só Deus podi comigo. (ARAÚJO, 2023)

Essa prantinha qui agenti gosta, que é di enfeite. É a prantinha muito bonitinha essi tal de comigo-ninguém-pode que é aquela... aquele vasim que agenti coloca eli na entrada da... da casa né? (PINHEIRO, 2023)

Segundo o Guia prático para identificação de algumas plantas tóxicas em jardins, a espécie “possui em sua composição vários princípios tóxicos, entre eles a estricnina e as ráfides de oxalato de cálcio que quando em contato com as mucosas (boca, língua, palatos, olhos) causam grande irritação e inchaço nas áreas de contato (RANGEL, 2000, p.9).” Ainda assim, é possível observar a presença dela em vasos de pequeno porte distribuídos até mesmo dentro da residência.

Em se tratando da etimologia, ao questionarmos as entrevistadas sobre o nome da planta, todas elas ressaltaram o fato de essa planta absorver energias negativas e proteger a



casa de inveja e mal olhado. Ou seja, quem possui uma espécie em casa se mantém de *corpo fechado*¹⁸. Ainda assim, ao consultarmos o Dicionário Etimológico Resumido (1966), encontramos uma outra explicação para a origem do nome:

Comigo-ninguém-pode. É a *Dieffenbachia picta*, planta da família *Araceae*, fácil de cultivar, pois não tem preferência por solos, dá bem em qualquer terra, mesmo as quimicamente piores. Resiste a cortes, à falta de rega, ao sol, a tudo. Daí o nome. (NASCENTES, 1966, p.190)

É importante destacar que outros dicionários também trouxeram elementos importantes como origem, cor, formato, tamanho e propriedades venenosas. Todos caracterizavam suas folhas como verdes, com manchas brancas e de uso ornamental. Descrição que vai ao encontro das encontradas durante nossa pesquisa de campo.

QUADRO 6 – *Allamanda*

UNIDADE LEXICAL	VARIAÇÃO	FREQUÊNCIA
<i>Alamanda</i> (PINHEIRO, 2023)		1

Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 11 – Alamanda



Fonte: Autoras

Figura 12 – Alamanda



Fonte: Autoras

Por florir o ano inteiro e ainda fazer uma enorme sombra, a *alamanda* é uma trepadeira muito utilizada nas portas das casas, geralmente como coberturas para pergolados. No entanto, ela contém em sua composição substâncias tóxicas. Mesmo assim, “embora a planta inteira seja considerada venenosa, grandes quantidades têm que ser ingeridas para produzir efeitos tóxicos e, portanto, casos de envenenamento são raros” (RANGEL, 2000, p.6).

Em relação ao nome, Aulete (2011) traz a informação de que a *lexia* foi originada do latim científico e foi derivada do antropônimo *Allamand*, um naturalista e botânico suíço

¹⁸ Expressão geralmente utilizada por pessoas pertencentes a religiões de matriz africana. Seu significado está associado a proteção contra tudo que há de ruim, sejam doenças, inveja ou mal olhado.



responsável por catalogar centenas de plantas medicinais enquanto estava no Suriname com a marinha holandesa.

Um fato curioso compartilhado conosco pela entrevistada é que por ser extremamente tóxico, o chá da planta, sobretudo em sua versão roxa, é capaz de produzir um inseticida natural muito utilizado na agricultura familiar para prevenir e tratar pulgões e cochonilhas. É importante aplicar o chá nos caules das plantas ao final da tarde, para que o sol não remova as propriedades tóxicas que eliminarão as pragas.

Esses pezim di pau qui a genti pranta da folhinha fina beim aqui pra fazê sombra na frenti da casa. Alamanda o nome. Isso alí é veneno. pra colocá eim cantêro pra não dá praga. Pulgão, cochonilha, furniga, essas coisa mata tudim (PINHEIRO, 2023).

3.2. Plantas de Proteção

QUADRO 3 – *Jatropha gossypifolia*

UNIDADE LEXICAL	VARIAÇÃO	FREQUÊNCIA
<i>Piãoxo</i> (SANTOS, 2023), (ARAÚJO, 2023), (PINHEIRO, 2023)	F.F – Pinhão-Roxo	8

Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 5 – Piãoxo



Fonte: Autoras

Figura 6 – Piãoxo



Fonte: Autoras

As atribuições que as plantas receberam pela humanidade ao longo dos séculos são diversas. Uma mesma espécie pode assumir diferentes categorias e funções dentro da organização cultural de uma comunidade. A exemplo disso, o *piãoxo* apareceu de diferentes formas em nossa pesquisa, sendo a mais frequente delas como planta de proteção. Além da lexia citada acima, também encontramos no *corpus* a ocorrência do nome *pinhão roxo*. Ao procurarmos em dicionários, encontramos na maioria deles a variação lexical *pinhão-de-purga*, mas que não está registrada em nosso *corpus*. No entanto, foi possível encontrar uma versão mais completa e próxima da coletada no Aulete (2011):

pinhão-de-purga (pi.nhão-de-pur.ga) **sm.** Bot. Árvore ou arbusto da fam. das euforbiáceas (*Jatropha curcas*), nativo das regiões tropicais e cultivado como ornamental de cujas sementes se extrai um óleo com propriedades purgativas us. na



medicina popular e tb. como biodiesel, lubrificante e na fabricação de sabões; PINHÃO; PINHÃO-DE-CERCA; PINHÃO-MANSO; PURGUEITA [Pl.: pinhões-de-purga.]

pinhão-do-paraguai (pi.nhão-do-pa.ra.guai) **sm.** Angios. O mesmo que pinhão-de-purga (*Jatropha curcas*) [Pl.: pinhões-do-paraguai.]

pinhão-roxo (pi.nhão-ro.xo) **sm.** Angios. Árvore da fam. das euforbiáceas (*Jatropha gossypifolia*), de folhas grandes e palmadas, flores roxas e frutos capsulares, de us. medicinal; BATATA-DE-TIÚ; ERVA-PURGANTE; JALAPÃO; MAMONINHA [Pl.: pinhões-roxos.] ((AULETE, 2011, p. 1067)

Desse modo, fica claro que apesar de encontrarmos recorrências no dicionário como *pinhão de purga*, não se trata da mesma espécie, sendo apenas um membro da mesma família botânica. Assim, uma das principais motivações para a nomeação do *pião roxo* é a coloração de suas folhas e flores.

O pinhão roxo, a gente chama de roxo realmenti, eli tem a madêra roxa, a folha dele o talim é roxo, a folha é roxa... só que eli bota o pinhãozim, o pinhãozim é verdi, deli. O povo diz qui eli é bom pra genti prantá na entrada da casa né? Qui tira mal olhado, essars coisa. (PINHEIRO, 2023)

O pião roxo é assim bem roxim, e tem uma frutinha verdinha qui si agenti abrir, solta um leitim véi que queima. O pé deli fica assim alto e custuma ter é muito assim em terreno, num sabe? (SANTOS, 2023)

É importante destacar que apesar de ter recorrências em estudos botânicos como planta medicinal, a principal atribuição dada pelas participantes da pesquisa foi a de proteção. Partindo disso, dona Margarida que é rezadeira chegou inclusive a explicar a maneira que utilizava a planta para benzer crianças e pedir proteções contra o mal olhado.

Tem esse pião roxo qui eu usu pra benzê minino, o pião tem muita ciência. Bati tudo qui é oi ruim, qui tem genti qui não podi vê nada qui é duzôto né? Aí u pião eu teinho aqui. Oh pá benzer na criança di quebranti, maloiádo, qui é uma coisa muito pirigosa, é a foia di pião. Chama pião roxo. Tira tres foia e benzi a criança. Do jeitu que panha lá, você só fais incruzá a criança i dizê as palavra. Pronto! I amostrá pu ladu du sole, que u sole é queim leva, vai lá pá ondi a genti pedi qui é pra ir! (ARAÚJO, 2023).

QUADRO 4 – *Capsicum frutescens*

UNIDADE LEXICAL	VARIAÇÃO	FREQUÊNCIA
<i>Pimenta – malagueta</i> (PINHEIRO, 2023)		1

Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 7 – Pimenta-malagueta



Fonte: Autoras

Figura 8 – Pimenta-malagueta



Fonte: Autoras

No Brasil, as pessoas costumam relacionar fortemente a saúde física com a espiritual, onde a religião, crenças e tradições acabam se tornando também mecanismos de cura. Assim, muitas comunidades acreditam que é necessária uma relação de harmonia entre a humanidade e a natureza um equilíbrio entre o sagrado e aquilo que é da carne. Desse modo, a saúde depende também daquilo que é material e do espiritual (BAPTISTA, 2007, p.60). Partindo desse princípio, a humanidade acabou atribuindo as propriedades medicinais de algumas plantas também na área espiritual.

A *pimenta-malagueta* possui alto teor de picância e isso muitas vezes afasta predadores em potencial na natureza. Ela é uma variação da *Capsicum frutescens*, muito utilizada em diversos países da África. Nesse sentido, é importante ressaltar que existem registros de que a *lexia malagueta* já era utilizada na África Ocidental para nomear um condimento apimentado mesmo antes da chegada dos europeus a América (AULETE, 2011).

As propriedades protetoras da *pimenta-malagueta* foram inseridas em nossa cultura a partir das religiões de matriz africana que acreditam num local de proteção e cura do espírito e na capacidade da natureza de criar um espaço de *corpo fechado*, que consiste na proteção contra as maldades do mundo que se voltam ao espírito humano (SILVA, 2003).

A entrevistada explicou que a pimenteira precisa estar plantada em locais próximos da casa como o quintal, por exemplo. E para que a eficácia seja ainda mais efetiva, é bom que plante uma mudinha da pimenta malagueta em um pequeno vaso e coloque-o em cima da mesa, principalmente quando for receber visitas indesejadas. Outra importante observação é que caso a pimenteira venha a morrer, é fundamental retirá-la do ambiente para garantir a abertura de caminhos.

A pimenta – malagueta a genti pranta num vazim cum uma prantinha de um pézim di pimenta em cima da mesa, qui essa aí, tem grandi sirventia, em negocio di contra olho grandi, essas coisa assim. I si ela vié morrê, tem qui tirá logo Du lugá, pra podê abrí os caminhu né? Ela é diferenciada dars otra pimenta, porque a maderinha dela é verdi i a foinha é bem lisinha, aí a genti usa muito pra colocá num pexe, porque ela é muito ardelosa quandu ta bem inchadinha, já quereno ficá vermelhinha. E também pra fazê molho (PINHEIRO, 2023).

As características supracitadas por ela vão ao encontro daquilo que foi observado nos dicionários, onde segundo Borba (2011), a planta possui “frutos vermelhos, muito ardidos, usados como condimento.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das particularidades dessa pesquisa no que diz respeito ao *lócus*, ao material coletado e aos resultados obtidos, estamos certas de que reunimos saberes singulares que



correspondem não só aos estudos botânicos e agroecológicos, mas também aos saberes tradicionais e às experiências de vida de mulheres que juntas ajudaram a construir a memória e a identidade de Buriticupu. Através da luta, disposição, observação e experimentação, essas figuras femininas tão silenciadas ao longo do processo de colonização da sua cidade puderam deixar um legado para as futuras gerações por meio de suas próprias experiências e saberes.

A Lexicologia esteve presente nesse processo não só nos elementos científicos, mas também nos socioculturais, retratando as diferentes formas de se ver o mundo mediante os processos de nomeação. Vale lembrar que muitas das plantas encontradas nos lares dessas mulheres buriticupuenses passaram por um processo de nomeação ligado às tradições indígenas e afro-brasileiras, indicando que mesmo diante da política de apagamento imposta por séculos, em nossas comunidades, os saberes dos povos tradicionais, tal qual a sua linguagem e o seu modo de ver o mundo seguem resistindo e continuam deixando um lugar na história.

Desse modo, os estudos lexicais aqui apresentados embasaram esse acervo a respeito das plantas medicinais, de proteção e venenosas em Buriticupu. Ainda que nosso trabalho não tenha abarcado uma grande quantidade de plantas, temos consciência do potencial de continuidade e ampliação do objeto investigativo aqui proposto. Portanto, estabelecemos um diálogo entre os saberes científicos e tradicionais e esperamos agregar e cooperar com estudos futuros não só na área da Linguística, mas também em trabalhos de natureza sociocultural.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa / Caldas Aulete**; organização Paulo Geiger. Rio de Janeiro : Lexikon, 2011.

ARANDA, Fernanda. **De A a Z: a enciclopédia das plantas medicinais/ elaborado por Jolivi Publicações**. – São Paulo : Jolivi Publicações, 2020.

ARAÚJO, Margarida de. **Margarida de Araújo**: depoimento [mai. 2023]. Entrevistadora: Mariana Ribeiro Moraes. Açailândia: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, 2023. 35 min. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Saberes da Terra: Léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil

BAPTISTA, E. R. **Conhecimentos e práticas de cura em Comunidades Rurais Amazônicas: Recursos Terapêuticos Vegetais**. Manaus: EDUA/Naea, 2012.



BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Conceito lingüístico de palavra**. In: Revista Palavra. Petrópolis: Vozes. 1999

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Colaboradores: Beatriz Nunes de Oliveira Longo, Maria Helena de Moura Neves, Marina Bortolotti Bazzoli, Sebastião Espedito Ignácio. Curitiba: Piá, 2011.

BRITO, Márcia Aparecida; COELHO, Maria de Fátima. **Os quintais agroflorestais em regiões tropicais** – unidades autossustentáveis. Agricultura Tropical, v. 4, n. 1, 2000.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Revista da USP, n.75, p. 76-84, 2007.

CONCEIÇÃO, Maria Zilda da. **Maria Zilda da conceição**. depoimento [fev. 2023]. Entrevistadora: Mariana Ribeiro Moraes. Açailândia: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, 2023. 57 min. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Saberes da Terra: Léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, n. 34, jul., dez., p. 157-186, 2004.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica: Estudos produtivos sobre a palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. **Dos Saberes da Roça: entre plantas memórias e palavras**. 2018. 354 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade



de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/158259>. Acesso em: 05 jan 2023.

KILOMBA, G. **A máscara**. Tradução: Jesus, J. O. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 16, p. 171-180, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 3.ed.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Resumido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**. Genebra, 2002.

PINHEIRO, Severina Silva. **Severina Silva Pinheiro**. depoimento [mai. 2023]. Entrevistadora: Mariana Ribeiro Morais. Açailândia: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, 2023. 49 min. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Saberes da Terra: Léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil

PRIMAVESI, Ana Maria. **A convenção dos ventos**: agroecologia em contos. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

PULGA, Vanderléia Laodete. *et al.* **Mulheres camponesas**: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia. Porto Alegre, 2018.

RANGEL, M. S. A. **Guia prático para identificação de algumas plantas tóxicas em jardins**. 2000.

SANTOS, Maria da Conceição Farias dos. **Maria da Conceição Farias dos Santos**. depoimento [abr. 2023]. Entrevistadora: Mariana Ribeiro Morais. Açailândia: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, 2023. 53 min. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Saberes da Terra: Léxico e cultura em narrativas de mulheres camponesas na Região Tocantina do Estado do Maranhão - Brasil

SILVA, E. F. Dayana. Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v.13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/396>. Acesso em: 18 maio 2023

SILVA, J. **Religiões afro-brasileiras e saúde no Maranhão**. Centro de Cultura Negra no Maranhão, 2003.

WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres da floresta: outras tantas histórias. **Revista de Estudos Amazônicos**, Belém, v. 6, n. 1, p. 21- 40, 2011.

